

'Aumenta que é Rock'n Roll é premiado

PÁGINA 6



Nova versão de 'Karate Kid' chega aos cinemas

PÁGINA 5



Livro resgata a obra fotográfica de Antônio Guerreiro

PÁGINA 8



2º CADERNO



Arrigo Barnabé chega ao Rio com o show da turnê comemorativa de 'Clara Crocodilo', seu trabalho mais singular

'Naquela época falar de violência, mutação, paranoia urbana era quase ficção científica'

Por Affonso Nunes

Obra inaugural da chamada Vanguarda Paulista, o álbum "Clara Crocodilo" completa mais de quatro décadas mantendo sua força transgressora intacta. Lançado em outubro de 1980 por Arrigo Barnabé e a Banda Sabor de Veneno, o disco é ponto de

ruptura e reinvenção na música brasileira.

Com influências que vão da música erudita ao dodecafonismo, passando pelo jazz, pela canção popular e pela trilha sonora de filmes noir, o LP se destacou por sua estrutura rítmica agressiva, pelas harmonias dissonantes e pelas letras que retratam um mundo urbano distópico, povoado por personagens à margem da sociedade.

Para celebrar a longevidade e a atualidade dessa obra singular, Arrigo vem excursionan-

do pelo país com o espetáculo "Clara Crocodilo", no qual revisita o repertório do disco em releitura que mantém o vigor original ao mesmo tempo em que atualiza sua forma de apresentação. Nesta quinta-feira, o espetáculo chega ao Rio em apresentação única no Espaço BNDES, com ingressos gratuitos. Acompanhado por músicos que participaram da gravação do disco em 1980, o artista recria as suítes que compôs ainda jovem, quando começava a romper os limites entre a

música de concerto e a canção popular.

"Clara Crocodilo" foi um grito contra tudo o que era previsível. Eu queria tensionar as estruturas da música popular com uma linguagem nova, que viesse do serialismo, do cinema, dos quadrinhos, do que me formou como artista", explica Arrigo. "Naquela época, falar de violência, mutação, paranoia urbana era quase ficção científica. Hoje, é o cotidiano. Por isso o disco continua atual", comenta. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL

Inspiração

no universo das HQs e da literatura fantástica



Divulgação

'Ainda Estou Aqui': trajetória de sucesso no exterior

'Ainda Estou Aqui' chega à Netflix EUA no próximo dia 17

Vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional, "Ainda Estou Aqui" vai entrar no catálogo da Netflix nos Estados Unidos. O filme brasileiro tem previsão de estreia na plataforma de streaming no dia 17 de maio. No Brasil, a produção está disponível pelo Globoplay. Com grande aceitação no mercado internacional, a

história da advogada e ativista Eunice Paiva e sua saga para que o Estado brasileiro reconhecesse o assassinato de seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva, segue cativando o público estrangeiro. Na última semana, a produção estreou na Coreia do Sul com sessões esgotadas no Festival Internacional de Cinema de Jeonju.

Vini, o produtor

Vinicius Junior está prestes a fazer sua estreia como produtor em um dos mais prestigiados eventos do cinema internacional. O longa infantil "Clarice Vê Estrelas" será exibido no Marché du Film, o mercado de negócios do Festival de Cannes.

Estreia nacional

"Betânia", primeiro longa de Marcelo Botta, chega aos cinemas do Brasil nesta quinta-feira (8) sendo exibido em 11 capitais. Depois do sucesso da exibição no 74º Festival de Berlim, o longa passou por mais de 20 festivais em 16 países.

Vini, o produtor II

Com temática antirracista, a produção é uma parceria entre o jogador do Real Madrid e o ator Bruno Gagliasso. "Clarice Vê Estrelas" é um filme de realismo fantástico que acompanha a jornada de autodescoberta de uma menina de oito anos.

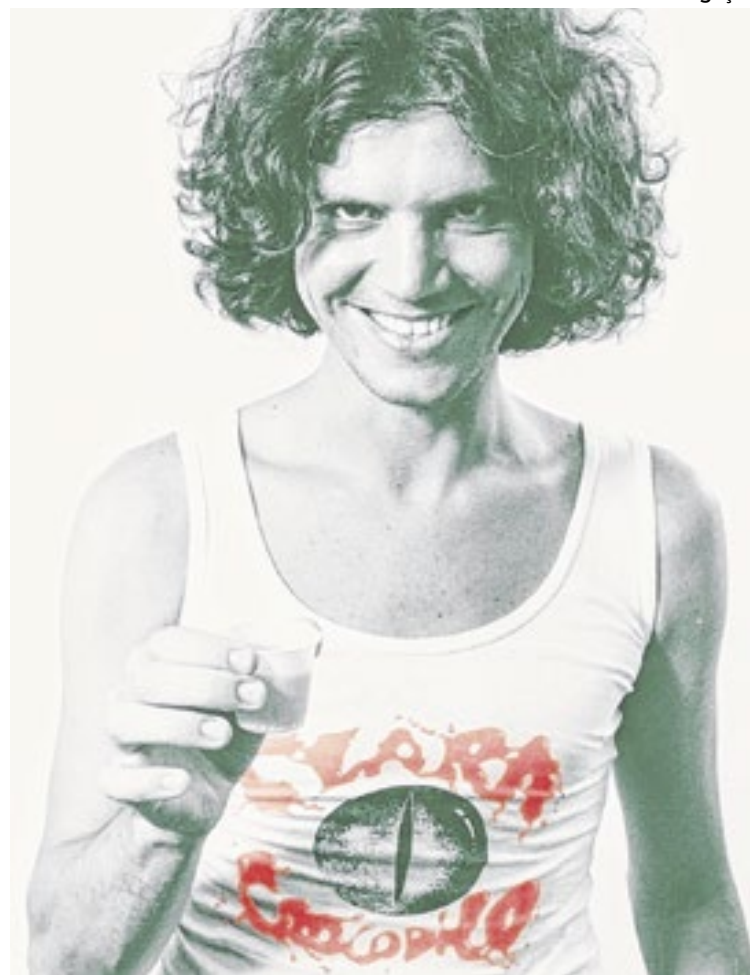
Selecionado

Marcelo Caetano, diretor do premiado filme "Baby", foi anunciado como um dos jurados da Queer Palm 2025, prêmio paralelo do Festival de Cannes dedicado a filmes com temática LGBTQIAPN+. Em 2024, "Baby" foi exibido em mais de 80 festivais.

A narrativa do álbum gira em torno de figuras grotescas e solitárias como Paulinho, Tubarão e Clara — esta última, uma mulher que sofre uma transformação monstruosa em meio ao caos da cidade grande. A linguagem, inspirada nos quadrinhos e na literatura fantástica, mistura lirismo e brutalidade. "Eu sempre fui fascinado por esses personagens extremos, que refletem o colapso da identidade na cidade. Clara é a síntese disso: uma criatura que não cabe nos moldes sociais, que vira bicho porque não tem outra saída."

O disco causou estranhamento à época de seu lançamento, mas também despertou o entusiasmo de críticos e de parte da cena artística paulistana, que via no trabalho de Arrigo uma ruptura estética semelhante à que o Tropicalismo provocara uma década antes. Não por acaso, "Clara Crocodilo" venceu o Prêmio APCA de melhor disco de 1980 e, com o tempo, tornou-se referência incontornável da música experimental brasileira.

Nos shows comemorativos, Arrigo se apresenta ao piano e à voz, liderando uma nova formação que inclui músicos veteranos e jovens instrumentistas. A proposta é recriar a densidade sonora do LP sem abrir mão da liberdade interpretativa. "Eu não queria fazer um show nostálgico. Quis voltar ao espírito de invenção que movia a gente nos anos 80. Estamos tocando as mesmas peças, mas o clima é outro: mais maduro, mais afiado, talvez até mais ácido", diz o compositor.



Divulgação

Arrigo Barnabé na época do lançamento do álbum

Ao longo dos últimos meses, o espetáculo já passou por cidades como São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Salvador, reunindo públicos diversos — de admiradores históricos a ouvintes mais jovens que se aproximam da obra pela primeira vez. Para Arrigo, o interesse renovado por "Clara Crocodilo" reflete uma demanda por arte que questione, provoque e fuja dos padrões previsíveis do mercado. "Vivemos tempos difíceis, e a arte precisa ser mais do que entretenimento. Precisa ser um choque, uma

revelação, uma possibilidade de ver o mundo de outro jeito."

Com o vigor intacto e a inquietação estética que sempre o caracterizou, "Clara Crocodilo" volta aos palcos como se tivesse sido composto ontem.

SERVIÇO

ARRIGO BARNABÉ - CLARA CROCODILO
Espaço BNDES (Avenida República do Chile, 100, Centro)
8/5, às 19h | Grátis, com retirada de ingressos 1h antes do show

Divulgação

O legado vivo de Moacir Santos

Henrique Band e Duo Ant-Art apresentam releituras modernas da obra do maestro pernambucano

Por Affonso Nunes

Poucos músicos tiveram um impacto tão profundo e duradouro na música brasileira quanto Moacir Santos. Com uma obra que atravessa fronteiras entre o erudito, o popular e o jazz, o maestro pernambucano ajudou a moldar as bases da moderna música instrumental brasileira. Sua sonoridade, marcada por ritmos afro-brasileiros e arranjos sofisticados, ecoa até hoje em diversas gerações de artistas — entre eles, Henrique Band.

Multi-instrumentista e arranjador, Hen-

rique Band tem em Moacir uma referência central, tanto pelo uso expressivo do sax barítono quanto pela abertura estética proporcionada por sua música. Durante anos, integrou a Orquestra Ouro Negro, projeto liderado por Mario Adnet e Zé Nogueira dedicado à obra de Moacir. Com o grupo, participou de turnês e apresentações pelo Brasil, incluindo o Festival Moacir Santos, em Recife.

Agora, em “Tributo a Moacir Santos”, Band lidera uma formação que propõe uma releitura ousada do repertório do mestre. A proposta é dialogar com a riqueza de caminhos abertos por Moacir, lançando pontes com tendências contemporâneas como o Afro Pop, o Afro Brazilian rap e o reggae. A apresentação transforma o tributo em uma celebração plural, que aproxima públicos diversos e gerações distintas por meio da criatividade musical.

No palco, Band se junta ao duo Ant-Art, formado por Antonio Fischer-Band (sintetizadores) e Arthur Martau (baixo), repre-



O multi-instrumentista Henrique Band tem no maestro Moacir Santos uma de suas maiores referências musicais

sentantes de uma nova geração de músicos e produtores. O grupo se completa com os experientes Leo de Freitas (piano e rhodes) e André Froes (bateria), reforçando a proposta de um encontro em que tradição e inovação caminham lado a lado.

SERVIÇO

TRIBUTO A MOACIR SANTOS

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana)
8/5, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 60

A primeira vez de ‘Primeira Vez’

Nico Rezende apresenta novo disco no Teatro Rival Petrobras nesta quinta

O cantor, compositor e multi-instrumentista Nico Rezende apresenta seu novo álbum autoral, “Primeira Vez”, nesta quinta-feira (8), no Teatro Rival Petrobras. O show contará com a participação especial da cantora Isabella Taviani.

Após 12 anos sem lançar um disco autoral — o último foi “Piano e Voz”, de 2012 — Nico retorna com um trabalho que celebra seus 40 anos de carreira. O álbum reúne canções inéditas e parcerias com nomes como Nelson Motta, Jorge Vercillo, Roberta Campos e Dudu Falcão.

“Primeira Vez” é uma melodia que passou pelos meus ouvidos até ser gravada e enviada pro Nelsinho, um antigo sonho de consumo, como parceiro. Quando recebi a

letra e toquei no piano, as lágrimas brotaram, tamanha sensibilidade, encaixe e precisão dos versos com a melodia”, conta o compositor.

Além da faixa-título, o repertório do show inclui sucessos da carreira de Nico, como “Esquece e Vem” (parceria com Paulinho Lima), “Transas” (com Ritchie), “Perigo” (com Paulinho Lima) e “Signo de Ar” (com Jorge Vercillo).

No palco, Nico se apresenta tocando violão, teclados e saxofone, acompanhado por Fernando Clark (guitarra e violão), Alex Rocha (baixo) e Flávio Santos (bateria).

SERVIÇO

NICO REZENDE - PRIMEIRA VEZ
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 – Cinelândia)
8/5, às 19h30

Ingressos a partir de R\$ 60

Classificação: 18 anos

Capacidade: 350 lugares

Divulgação



Nico Rezende reúne canções inéditas e releituras de importantes parcerias no novo trabalho

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Autor de livros imprescindíveis para o entendimento da expansão da consciência no sono e no despertar, como “O Oráculo da Noite” e “As Flores do Bem”, o neurocientista Sidarta Ribeiro vai virar guia de consulta de uma arte que já celebrou o sonhar em expressões autorais de titãs como Tarkovski, Fellini e Kurosawa com a estreia do documentário “Criaturas da Mente”. A pesquisa do neurocientista sobre as fronteiras do inconsciente (num trânsito entre a Biologia, a Física, o Candomblé e os saberes indígenas) inspirou um ensaio cinematográfico investigativo no qual o diretor pernambucano Marcelo Gomes revisita seu legado e seus medos. Longa de abre-alas do último Festival de Brasília, a produção da Bretz Filmes estreia nesta quinta-feira na celebração da transdisciplinaridade entre práticas culturais milenares.

“Cinema tem um processo louco, que parece caótico, mas é muito organizado na produção de acasos que, aqui, fazem uma ponte entre biologia e cultura”, disse Sidarta, cofundador e professor titular do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e integrante do grupo de pesquisa em saúde mental do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz - RJ. “Já tive muito medo dos meus sonhos, pois tive alguns que foram desafiadores, mas, hoje, o maior medo que associo a essa matéria é não me lembrar do que sonhei. A gente consegue preservar a lembrança intencionando o sonhar, ciente de que o pesadelo é o avô dos sonhos. Ciente de que um pesadelo recorrente é um sinal de atenção”.

Premiado em Cannes há 20 anos cravados com “Cinema, Aspirinas e Urubus”, Marcelo Gomes revê esse longa aclamado na narrativa de “Criaturas da Mente”, assim como passa em revista seu primeiro curta-metragem, “Maracatu, Maracatus” (1995). O mote desse reencontro com seu passado vem do impasse que viveu durante a pandemia, quando deixou de sonhar.

“O sonho não tem uma precisão, assim como a ideia de real não é precisa no audiovisual. O Sertão que aparece em ‘Cinema, Aspirinas e Urubus’ parece um sonho, pois ele reflete mais a imaginação dos personagens do que o Sertão geográfico, físico. Da mesma forma, o Recife que retratei em ‘Era Uma Vez Eu, Verônica’, não é o Recife físico, mas o Recife afetivo da mulher sobre quem eu falo no longa”, disse o diretor, citando a produção que representou o Brasil no TIFF - Festival de Toronto, em 2012, e ganhou o Candango



Sylara Silverio/Divulgação

Rodrigo Fonseca



O documentário ‘Criaturas da Mente’, de Marcelo Gomes, aborda as pesquisas de Sidarta Ribeiro sobre o sonho

Sonhar não tem ‘The End’

No documentário ‘Criaturas da Mente’, o realizador Marcelo Gomes se une ao neurocientista Sidarta Ribeiro para uma investigação sobre as dimensões culturais e biológicas do sonho

de Melhor Filme (empatado com “Eles Voltam”) no Festival de Brasília, há 13 anos.

Um dos cineastas mais prolíficos do país hoje, Gomes já apresentou filmes em Veneza, San Sebastián e Roterdã, além de ter vencido o Festival do Rio com “Paloma” (2022). Em trânsito global, ele encontrou seu porto mais seguro na Berlinale. Concorreu ao Urso de Ouro com “Joaquim”, em 2017, e passou lá ainda em .doc (“Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar”) e ficção ensaística (“O Homem das Multidões”, rodada em duo com Cao Guimarães). Este ano, voltou à capital alemã pelo Berlinale Series Market,

com os episódios de “Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente”, cuja produção é da Morena Filmes (de Mariza Leão). Carol Minêm e ele (ambos diretores da minissérie) estiveram no evento, em fevereiro, ao lado do ator Johnny Massaro, da roteirista Patricia Corso e dos produtores Thiago Pimentel (também autor da ideia original) e Tiago Rezende. Com consultoria da médica e escritora Marcia Rachid, a trama é dividida em cinco capítulos, inspirando-se em casos reais ocorridos durante o boom da Aids no Brasil. Estima-se que a MAX exiba esse exercício de revisão histórica em agosto. Em

paralelo, o diretor finaliza o longa “Dolores”, idealizado por Chico Teixeira (1958-2019), mas filmado por ele com Maria Clara Escobar, com Carla Ribas no elenco.

“Antes das imagens, existem os personagens. É com eles que eu dialogo para construir as narrativas”, diz Gomes, que idealizou “Criaturas da Mente” para ser um .doc COM Sidarta e não SOBRE ele.

Por isso, o cineasta acompanha o pensador em conversas com as ialorixás Mãe Beth de Oxum e Mãe Lu e com o imortal da ABL Ailton Krenak, seguindo-o em rituais, na capoeira e em experimentos dignos de um clássico sci-fi. “Nos detalhes dos sonhos estão as pérolas. Há até um ditado que diz: ‘Deus mora nos detalhes’. O cinema, com suas claquetes e suas elipses, é uma linguagem que se assemelha ao sonho, acessando o imaginário e nos conduzindo a lugares diferentes entre seus cortes”, diz o diretor, que contou com o fotógrafo Ivo Lopes Araújo em sua investigação.

Entre seus produtores, “Criaturas da Mente” traz a grife VideoFilmes, representada por João Moreira Salles (de “No Intenso Agora”) e Maria Carlota Bruno, que integrou o ganhador do Oscar “Ainda Estou Aqui”.

‘Limpe o assoalho, Daniel San’

De carona no fenômeno Netflix ‘Cobra Kai’ e da homenagem do Festival de Locarno a Jackie Chan, a franquia ‘Karate Kid’ retorna à telona para resgatar a mística e os milhões do original

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Apoucos dias de chegar às telas, “Karate Kid: Lendas” ganhou holofotes com a notícia de que o astro Jackie Chan, um dos protagonistas do longa-metragem, será homenageado com o Pardo ala Carreira, o troféu honorário do Festival de Locarno, na Suíça, que realiza sua edição nº 78 de 6 a 16 de agosto. Até lá, o filme, que entra em cartaz neste fim de semana, terá cumprido sua vocação para arrecadar milhões, alimentado pelo apoio da série “Cobra Kai” (Netflix), que atualizou uma mítica hollywoodiana na retomada de um legado lá da década de 1980.

Estima-se que a produção dirigida por Jonathan Entwistle (“I Am Not Okay With This”), com foco no treino de um carateca, possa amealhar fortunas. A ambição maior é vê-lo preservar uma grife milionária e trazer de volta um signo de autoralidade.

Deleite da “Sessão da Tarde” nos anos 1980 e 90, apoiado numa dublagem antológica, “Karate



Os mestres Han (Jackie Chan) e LaRusso (Ralph Macchio) treinam o menino Li (Ben Wang)

Divulgação



Daniel LaRusso (Macchio, então com 23 anos) encarna o treino do Sr. Miyagi

Kid – A Hora da Verdade” (1984) carregou as marcas autorais de um injustiçado ganhador do Oscar, John G. Avildsen (1935-2017), o diretor que inaugurou a saga de Rocky Balboa em 1976. Seu legado nunca foi devidamente respeitado pela crítica, apesar da relevância de sua obra na revitalização política da Hollywood dos anos 1970 e na trilha nerd que o cinemão dos Estados Unidos tomou na década de 1980.

Ganhou apenas um documentário, “King of Underdogs” (2017), de Derek Wayne Johnson, que festeja seus feitos. Um deles foi transformar Daniel LaRusso (o adolescente que, depois de espancado por lutadores, torna-se um ás do tatame) num ícone do pop, fazendo de seu intérprete, Ralph George

Macchio Jr. (hoje com 63 anos), uma celebridade juvenil. Ele volta em “Lendas”, ao lado de Chan, que interpreta o Sr. Han. Ainda mais célebre do que Macchio ficou Noriyuki “Pat” Morita (1932-2005), na pele do Sr. Miyagi, zelador que dominava todos os preceitos das artes marciais.

O longa original custou US\$ 8 milhões e faturou uma baba (US\$ 130 milhões), além de conquistar a indicação à estatueta de Melhor Coadjuvante na festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, numa coroação do desempenho de Pat. Avildsen rodou duas sequências, uma (brilhante) em 1986 e outra (descartável) em 1989. Nesse mesmo ano, a DIC Entertainment, a produtora Saban

e a Columbia Pictures Television realizaram uma série animada de LaRusso e Miyagi, que passou aqui no “Xou da Xuxa”. Um quarto filme, com Hilary Swank, foi lançado em 1994, com direção de Christopher Cain, mas fracassou fragorosamente.

Em 2010, a Sony decidiu resuscitá-la, com o cineasta Harald Zwart no comando, responsável por reciclar a premissa do jovem que, depois de virar saco de pancada, ganha a tutoria de um bamba das lutas e encarar seus detratores numa competição. O enredo foi deslocado para a China e, no lugar de LaRusso, entrou Dre Parker, vivido por Jaden Smith. Seu sensei é Han, um personagem amargurado por perdas familiares que renovou o prestígio de Chan. O astro, que nasceu em Hong Kong há 71 anos, é produtor e diretor e ganhou um Oscar Honorário em 2017.

“Jackie Chan devotou sua vida inteira ao cinema e é o único artista que entendeu a expressão cinemática dos gênios da Era Muda das telas (como Charlie Chaplin, Buster Keaton, Harold Lloyd, Stan Laurel, Oliver Hardy) e a trouxe para uma dimensão contemporânea. As pessoas tentam engaveta-lo

no nicho do kung-fu, mas essa é só uma pequena parte de sua história”, diz o crítico Giona A. Nazzaro, o curador responsável pela revitalização de Locarno. “Chan treinou intensamente desde menino para se tornar o que é hoje. Foi submetido a um incansável treinamento, como ator mirim, não só de artes marciais, como das artes circenses e da ópera, aprendendo a cantar. Todos os elementos da formação dos showmen chineses, ligados ao teatro, aparecem no olhar de Chan. Ele encarna o sentido do movimento que está na base do cinema”.

Dublador brasileiro do Sr. Han, Marco Ribeiro concorda com a análise de Nazzaro, ao falar do processo de adaptar as falas de Chan para o Português:

“O maior desafio é dublar um ator tão versátil, mantendo um sotaque que foi guiado por uma coach nativa em Mandarim, e manter a consistência nesse sotaque, sem ficar caricato. O maior prazer desse trabalho é dublar um ator de que eu gosto muito e de que sou fã desde muito tempo, podendo dar ao público uma dublagem verdadeira, feita com carinho e qualidade”.

Na trama de “Lendas”, LaRusso (Macchio), conhecido entre nós como Daniel San, chega em Pequim, onde o Sr. Han está procurando por ele, para ajudar no treino de um novo protegido, Li Fong (papel de Bem Wang). Os dois mentores devem colaborar para instruir Li Fong, mas resta saber se suas abordagens educacionais serão compatíveis. Em “Cobra Kai”, o modo de LaRusso tratar o caratê destoa de seu antigo algoz, Johnny Lawrence, papel que deu fama a William Zabka. Na série, Nizo Neto é quem dubla Macchio. No longa, também.

“Com certeza, ‘Cobra Kai’ está numa posição muito elevada no meu ranking de trabalhos”, diz Nizo. “A série é ótima; Ralph, um excelente ator; e a voz, caiu com perfeição. Um prazer muito grande é o carinho dos fãs, que só cresceu com a chegada do longa”. No Brasil oitentista, Magalhães Graça (1922-1991) foi a voz Miyagi e imortalizou frases como “Limpe o assoalho, Daniel San”.



O jornalista Luiz Antonio Mello, morto recentemente, é vivido por Johnny Massaro no longa

Aumenta o volume

Longa de Tomás Portella que conta a história da criação da Fluminense FM, a mais importante rádio rock do Brasil, conquista os troféus de Melhor Filme e do Júri Jovem em festival na França

homenageada foi a atriz e diretora Dira Paes, que esteve presente durante todo o evento para receber o Troféu Jangada e apresentar uma mostra especial dedicada aos seus 40 anos de carreira, com cinco filmes que marcaram sua trajetória artística.

Além de Dira Paes, participaram do evento os atores Dário Grandinetti ("Um Lobo Entre os Cisnes"), Allan Rocha ("Um Lobo Entre os Cisnes" e "Vitória"), Bárbara Luz ("Ainda Estou Aqui"), Maria Fernanda

Fellipe Barbosa ("90 Decibéis"), Luiz Fernando Carvalho ("Lavoura Arcaica" e "A Paixão Segundo G.H."), Lucas Weglinski ("Máquina do Desejo"), além dos produtores Márcio Fraccaroli e Veronica Stumpf ("Homem com H"), Renata Almeida Magalhães ("Aumenta que é Rock'n'Roll"), Gisele Hilt ("Anahy de las Misiones"), Carolina Dias ("Sobreviventes"), Marco Altberg ("Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta"), Raquel Couto ("Lavoura Arcaica"), Tatiana Leite ("Malu"), Luciana Boal Marinho ("Alarme Silencioso") e Luciana Brafman ("Seu Estilo, Seu Impacto").

A mostra competitiva contou com outros sete longas de ficção que concorreram ao Troféu Jangada de Melhor Filme, escolhido pelo público: "Malu", de Pedro Freire, vencedor do Festival do Rio de 2024; "Um Lobo Entre os Cisnes", de Marcos Schechtman e Helena Varvaki, premiado no Cine Ceará de 2024; "Mais Pesado é o Céu", de Petrus Cariry, grande vencedor do 51º Festival de Cinema de Gramado; "A Vilã das Nove", de Teodoro Popovic, com passagens pelo Festival do Rio e pela Mostra Internacional de Cinema em São Paulo; "Sobreviventes", de José Barahona; "A Mulher que Chora", de George Walker Torres; e "90 Decibéis", de Fellipe Barbosa, que teve sua estreia mundial no festival.

O 27º Festival de Cinema Brasileiro de Paris chegou ao fim nesta terça-feira (6) e, após oito dias de programação e público recorde de 7 mil pessoas, consagrou "Aumenta que é Rock'n'Roll" como o grande vencedor da edição. O longa-metragem, dirigido por Tomás Portella e produzido por Renata Almeida Magalhães, conquistou o Troféu Jangada de Melhor Filme (júri popular) e o Prêmio do Júri Jovem, eleito pelos estudantes parisienses que participaram das sessões escolares. "Malu", de Pedro Freire, ganhou o Prêmio Pass Culture, concedido pelo festival pela primeira vez em parceria com o programa francês de incentivo à cultura.

"Aumenta que é Rock'n'Roll" é uma comédia dirigida por Tomás Portella ("Ensaio Sobre a Cegueira", "Impuros") e estrelada por Johnny Massaro, George Sauma e João Vitor Silva. O filme conta a história de Luiz Antônio Mello (Massaro), um jovem que, inesperadamente, assume o comando de uma rádio falida e prestes a fechar as portas. A partir desse desafio, nasce a icônica Rádio Fluminense FM — a "Maldita" — primeira emissora dedicada exclusivamente ao rock no Brasil, que marcou gerações a partir de sua criação em 1982. Conhecido como LAM, o criador da rádio faleceu na última semana, aos 70 anos.

O filme teve duas sessões no festival e, em ambas, a produtora e presidente da Academia Brasileira de Cinema, Renata Almeida Magalhães, esteve presente, participando de apresentações e de debates com o público. Emocionada, ela recebeu hoje, das mãos de Dira Paes, o troféu no histórico cinema parisiense L'Arlequin. "Aumenta Que É Rock'n'Roll" é um filme muito sincero que retrata a minha geração. Se passou numa época especial quando, no Brasil e em toda a América Latina, vivíamos o fim da ditadura militar. É um filme repleto de esperança", disse Renata.

Realizado pela Jangada, com curadoria de Katia Adler, o Festival reafirma seu papel como a principal vitrine do audiovisual brasileiro na Europa. Em sua 27ª edição, exibiu 35 produções nacionais e atraiu 7 mil pessoas ao longo da semana no cinema L'Arlequin — público recorde do evento. Este ano, a grande

Raízes e reflexões



Sandra Felzen mescla elementos da cultura carioca e saberes ancestrais em sua nova exposição

A trajetória artística de Sandra Felzen atravessa questões contemporâneas e profundas, abordando temas como o feminino, a natureza e a relação intrínseca entre arte e memória. A artista carioca, cuja obra mistura elementos da cultura brasileira e saberes ancestrais, inaugura sua nova exposição, “O Tempo, O Feminino, A Palavra”, nesta quinta-feira (8), com curadoria de Cristiana Tejo.

A mostra é um convite à reflexão sobre o papel da palavra e da natureza na construção do ser e na vivência do tempo. Felzen apresenta um conjunto de obras que são tanto representações visuais quanto poéticas da relação entre o feminino, o corpo e o espaço. Um dos destaques é o caderno artesanal, que contém fragmentos de sua trajetória artística e reflexões sobre o tempo, o feminino e sua íntima conexão com a natureza. Junto a ele, estão os potes e o útero, feitos a partir de tiras de tecidos que a artista recolheu ao longo de sua vida, símbolos de seus afetos e vivências.

Esses elementos, na visão da artista, materializam o conceito de passagem do tempo e de continuidade de saberes, resga-



tando a ideia de que a arte é um repositório de memórias e sentidos, um elo entre o passado e o presente.

O conceito da árvore é uma metáfora forte na obra de Sandra Felzen, representando a ligação entre os mundos visível e invisível, entre a terra e o céu. “A árvore é o elo entre o que está abaixo e o que está acima. Enraizada, ela tem o potencial de crescer, de se transformar, de florescer e de gerar frutos”, explica a artista.

A Árvore da Vida, um conceito ancestral presente na cultura judaica, aparece de forma



As obras de Sandra Felzen contam histórias dos saberes ancestrais e revelam uma visão integrada da experiência humana

recorrente em seu trabalho, como um símbolo de sabedoria, de continuidade e da integridade do ser. Para Sandra, as árvores não são apenas seres vivos, mas representações de nossa história, de nossas raízes culturais e afetivas, além de guias que nos orientam na busca por um significado maior na vida. “As árvores estão entrelaçadas com o feminino. Elas nos dão sustentação e nos fazem lembrar de onde viemos e para onde devemos ir”, afirma.

A exposição também destaca outros temas importantes na obra de Felzen, como os receptáculos, como o útero, e os portais, como as janelas e os espelhos. A artista define esses elementos como “Portais no Tempo e no Espaço”, objetos simbólicos que nos convidam a atravessar limites e a refletir sobre as diversas dimensões da vida. Para a artista, o feminino e a árvore formam uma única narrativa que se desdobra e se manifesta de diversas maneiras em sua obra. Seu trabalho, ao reunir esses temas, busca gerar uma reflexão contínua sobre o processo de vida e morte, de transformação e renovação, de afetividade e resistência.

SERVIÇO

O TEMPO, O FEMININO, A PALAVRA

Galeria do Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163 (entrada pela Rua Visconde de Silva, s/nº – Humaitá) | Até 29/6 | Entrada franca

Antônio Guerrero

*Dzi Croquettes*

Por Affonso Nunes

Durante as décadas de 1970 e 1980, Antonio Guerreiro foi o nome incontornável quando se falava em retratos fotográficos no Brasil. Celebrado por artistas, intelectuais e personalidades da cultura, ele deixou um acervo visual que atravessa o tempo. Parte dessa obra ressurge agora em “Portraits”, livro organizado por Carlos Leal e publicado pela Barléu Edições, que será lançado nesta quinta-feira (8), às 18h30, na Livraria Argumento, no Leblon.

Conhecido como “o fotógrafo das estrelas”, Guerreiro não se limitava à estética: suas imagens revelavam a alma dos retratados. Pelas suas lentes passaram nomes como Caetano Veloso, Gal Costa, Rita Lee, Fernanda Montenegro, Sonia Braga, Nelson Rodrigues, Vinicius de Moraes, Hélio Oiticica e Leila Diniz. Seus retratos, marcados por luz e intimidade, compõem hoje parte da memória afetiva e cultural do país.

O livro reúne imagens icônicas e textos de quem acompanhou de perto sua trajetória: Bob Wolfenson, que foi seu assistente nos anos 1970; Luiz Carlos Lacerda, amigo de infância; Luiz Garrido, colega na revista “Manchete”; além de um depoimento da irmã do fotógrafo, Fernanda Brito Ferreira Neves. “Antonio Guerreiro se tornou o maior retratista de seu tempo, e esse livro é um registro de sua memorável trajetória. Ele merecia uma obra à sua altura”, afirma Carlos Leal.

Mais do que um talento técnico, Guer-

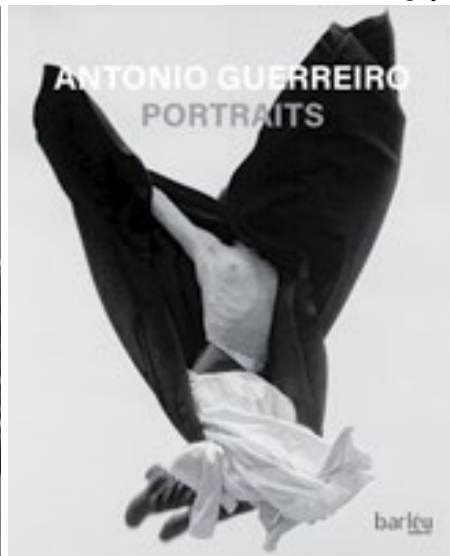
Retratos em tempos de ebulição

Livro resgata legado de Antonio Guerreiro, o fotógrafo que eternizou estrelas nos anos de repressão no país

Antônio Guerrero



Divulgação



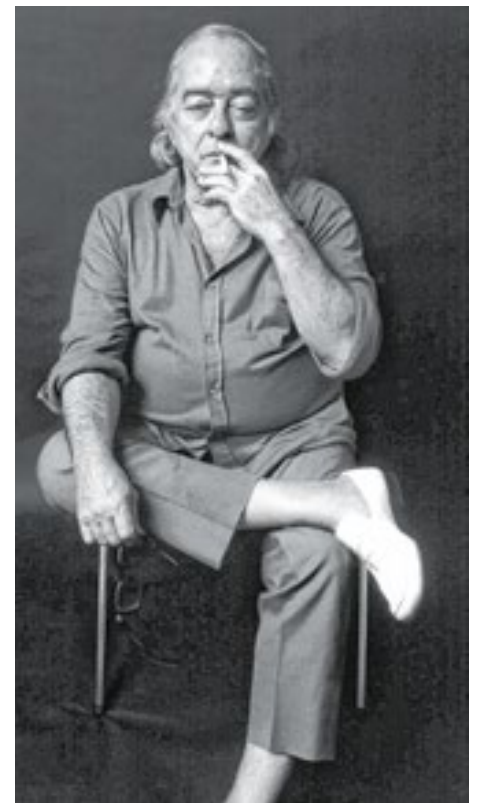
Os registros de personalidades por Antonio Guerreiro (ao lado) estão no livro ‘Portraits’

Antônio Guerrero



O dramaturgo Nelson Rodrigues e as atrizes do longa ‘Os Sete Gatinhos’

Antônio Guerrero

*Vinicius de Moraes*

Antônio Guerrero

*Rita Lee*

reiro foi um cronista visual da contracultura brasileira. Em plena ditadura militar, seu estúdio virou refúgio de liberdade. Enquanto a censura se abatia sobre os artistas, ele os celebrava com imagens sensuais, vibrantes e ousadas. Algumas chegaram a ser proibidas, mas resistiram ao tempo como símbolos de uma era em ebulição.

Entre os retratos selecionados estão ensaios com Sandra Brea, Zuzu Angel, as Frenéticas, o grupo Dzi Croquettes, e uma cena icônica de Nelson Rodrigues cercado por atrizes do filme “Os Sete Gatinhos” — Regina Casé, Cristina Aché, Ana Maria Magalhães, Sura Berditchevsky e Sônia Dias. Destaque também para um ensaio de Maria Gladys em clima de provocação e liberdade.